UNIALFA

CENTRO UNIVERSITÁRIO ALVES FARIA – UNIALFA

BACHARELADO EM PUBLICIDADE E PROPAGANDA – BPP

THAÍS FIRMINO PEREIRA

QUEM CUIDA DE QUEM CUIDA?
O PESO EMOCIONAL DO CUIDADO DE MULHERES NEGRAS NA COMUNICAÇÃO

GOIÂNIA

2026

THAÍS FIRMINO PEREIRA

QUEM CUIDA DE QUEM CUIDA?
O PESO EMOCIONAL DO CUIDADO DE MULHERES NEGRAS NA COMUNICAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda do Centro Universitário Alves Faria (UNIALFA).

Orientador: Prof.º Me Walter Hugo de Souza Rodrigues

GOIÂNIA
2026

THAÍS FIRMINO PEREIRA

QUEM CUIDA DE QUEM CUIDA?
O PESO EMOCIONAL DO CUIDADO DE MULHERES NEGRAS NA COMUNICAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda do Centro Universitário Alves Faria (UNIALFA).

Orientador: Prof.º Me Walter Hugo de Souza Rodrigues

BANCA EXAMINADORA

Prof.º Me Walter Hugo de Souza Rodrigues
Orientador

Examinador interno

Examinador externo

GOIÂNIA
2026

Dedico este trabalho a todas as mulheres que colocam o cuidado no centro da vida, mesmo quando isso pesa. Vocês merecem ser vistas.

AGRADECIMENTOS

Se este trabalho de conclusão se concretiza, é porque ela carrega a memória e a energia de uma inspiração profunda. Meu primeiro agradecimento é para a minha mãe. É impossível falar sobre a sobrecarga do cuidado sem olhar para ela.
O que escrevo aqui não é apenas pesquisa, é um reflexo da história que vejo dentro de casa. Obrigada por me mostrar, com a sua vida, porquê este tema importa tanto.

Agradeço também a todas as mulheres, especialmente às mulheres negras, que são o meu ponto de partida e de chegada. Mulheres que seguram o cuidado do mundo inteiro, muitas vezes sem descanso e sem apoio. Que este trabalho seja, pelo menos, uma forma de olhar para vocês com o respeito e a visibilidade que sempre faltaram.

Ao meu orientador, Prof. Me. Walter Hugo de Souza Rodrigues (Hugo para os mais próximos), agradeço pela escuta, paciência e por acreditar em mim. Obrigada por escolher me orientar mesmo nas adversidades.

Aos meus amigos e familiares, obrigada por entenderem a correria, as ausências e a “bagunça” dessa fase. Vocês foram o sustento por trás da escrita.

E, por fim, agradeço a todos os pensadores e ativistas que vieram antes de mim. São eles que abriram caminho para que hoje possamos questionar e valorizar uma pergunta tão simples e urgente: quem cuida de quem cuida?

RESUMO

A presente pesquisa analisa de que forma a Comunicação Social, por meio de produtos da teledramaturgia, constrói e difunde narrativas que romantizam o ato de cuidar, ao mesmo tempo em que invisibilizam a sobrecarga emocional e social vivenciada por mulheres negras cuidadoras no Brasil. Parte-se da compreensão de que o cuidado é historicamente naturalizado como responsabilidade feminina e atravessado por desigualdades de raça e classe. O objetivo geral é analisar criticamente as representações do cuidado na teledramaturgia brasileira, investigando a manutenção de estereótipos como o da "mulher negra forte". Fundamenta-se na Ética do Cuidado (Joan Tronto), na Interseccionalidade (bell hooks; Kimberlé Crenshaw) e nas teorias da representação (Stuart Hall; Muniz Sodré). Metodologicamente, adota-se uma abordagem qualitativa baseada na Análise de Conteúdo (Laurence Bardin), utilizando como corpus cenas das telenovelas Amor de Mãe (2019) e Vai na Fé (2023). Os resultados alcançados demonstram que o aparato audiovisual hegemônico opera como um anestésico social: por meio de trilhas sonoras líricas, apelos místicos e espetacularização do afeto, a teledramaturgia higieniza a crueza do trabalho reprodutivo informal e despolitiza o trauma do abuso e da renúncia profissional. Conclui-se que o "cuidado estético" atua para conter a revolta social, transformando a sobrecarga em virtude moral e perpetuando o apagamento do "cuidado emocional" e a desresponsabilização do Estado.

Palavras-chave: Comunicação. Cuidado. Interseccionalidade. Mulheres Negras. Representação. Telenovela.

ABSTRACT

This research analyzes how Social Communication, through teledramaturgy products, constructs and disseminates narratives that romanticize the act of caregiving, while simultaneously rendering invisible the emotional and social burden experienced by Black women caregivers in Brazil. It is based on the understanding that care is historically naturalized as a female responsibility and intersected by inequalities of race and class. The general objective is to critically analyze the representations of care in Brazilian teledramaturgy, investigating the maintenance of stereotypes such as that of the "strong Black woman". It is grounded in the Ethics of Care (Joan Tronto), Intersectionality (bell hooks; Kimberlé Crenshaw), and representation theories (Stuart Hall; Muniz Sodré). Methodologically, a qualitative approach based on Content Analysis (Laurence Bardin) is adopted, using scenes from the telenovelas Amor de Mãe (2019) and Vai na Fé (2023) as the corpus. The results achieved demonstrate that the hegemonic audiovisual apparatus operates as a social anesthetic: through lyrical soundtracks, mystical appeals, and the spectacularization of affection, teledramaturgy sanitizes the rawness of informal reproductive labor and depoliticizes the trauma of abuse and professional resignation. It is concluded that "aesthetic care" acts to contain social unrest, transforming overburden into moral virtue and perpetuating the erasure of "emotional care" and the state's lack of accountability.

Keywords: Communication. Care. Intersectionality. Black Women. Representation. Telenovela.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1..... 26
FIGURA 2..... 30
FIGURA 3..... 34
FIGURA 4..... 38

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – O discurso de formatura (Amor de Mãe).....26
Tabela 2 – O desabafo de Camila no hospital (Amor de Mãe)..... 30
Tabela 3 – O culto de enfrentamento (Amor de Mãe).....34
Tabela 4 – A interrupção laboral e a estetização do banho (Vai na Fé)..... 38

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO..... 11
1.1. CONTEXTUALIZAÇÃO E APRESENTAÇÃO DO TEMA..... 11
1.2. O PROBLEMA DE PESQUISA E DELIMITAÇÃO DO CORPUS: O CUIDADO ESTÉTICO VS. O CUIDADO EMOCIONAL..... 12
1.3. OBJETIVOS DO ESTUDO..... 14
1.3.1 OBJETIVO GERAL..... 14
1.3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS..... 14
1.4 HIPÓTESES DE TRABALHO..... 14
1.5. JUSTIFICATIVA..... 15
1.6 METODOLOGIA E ESTRUTURA DA PESQUISA..... 16
2. REFERENCIAL TEÓRICO..... 16
2.1. O CUIDADO COMO TRABALHO E PRÁTICA POLÍTICA:..... 17
2.1.1. AS QUATRO FASES E ELEMENTOS MORAIS DO CUIDADO (TRONTO)..... 17
2.2 INTERSECCIONALIDADE, ECONOMIA FEMINISTA E O TRABALHO ESCONDIDO DO CUIDADO..... 19
2.3 O LUGAR DA "MÃE PRETA" E A MATERNALIZAÇÃO DA CULTURA EM LÉLIA GONZALEZ..... 20
2.4 IDENTIDADE, REPRESENTAÇÃO E A TELENOVELA (STUART HALL E MUNIZ SODRÉ)..... 21
3. METODOLOGIA: O PERCURSO DA ANÁLISE DE CONTEÚDO..... 21
3.1. A ANÁLISE DE CONTEÚDO SOB A ÓTICA DE LAURENCE BARDIN..... 22
3.2. A SISTEMA DE CATEGORIZAÇÃO E AS UNIDADES DE REGISTRO..... 23
3.3 CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DO CORPUS E JUSTIFICATIVA DAS CENAS..... 23
3.4 A análise fílmica como decodificadora da imagem..... 24
4. ANÁLISE DOS RESULTADOS: A ESTÉTICA DO CUIDADO EM "AMOR DE MÃE" E "VAI NA FÉ"..... 24
4.1 ANÁLISE EMPÍRICA DO CORPUS: O PARALELO DO CUIDADO EM DISCURSO E DESABAFO..... 25
4.1.1 CENA 1: O DISCURSO DE FORMATURA (CAPÍTULO 1)..... 25
4.1.2 CENA 2: O DESABAFO DE CAMILA NO HOSPITAL (CAPÍTULO 73)..... 29
4.2 ANÁLISE EMPÍRICA DO CORPUS: ESPIRITUALIDADE, AUTOCUIDADO E RESISTÊNCIA EM "VAI NA FÉ"..... 33
4.2.1 CENA 3: O CULTO DE ENFRENTAMENTO (CAPÍTULO 136)..... 33
4.2.2 CENA 4: A INTERRUPÇÃO LABORAL E A ESTETIZAÇÃO DO BANHO (CAPÍTULO 17)..... 38
4.3 DIÁLOGOS INTERSECCIONAIS: A PERMANÊNCIA DO ARQUÉTIPO DA "MÃE PRETA" DA MODERNIDADE À PÓS-MODERNIDADE..... 41
5. CONCLUSÃO..... 44
REFERÊNCIAS..... 46

1. INTRODUÇÃO

1.1. CONTEXTUALIZAÇÃO E APRESENTAÇÃO DO TEMA

O cuidado, em sua acepção mais fundamental, é a base da sustentação da vida humana e da própria sociedade. Ele transcende o ato biológico e afetivo, configurando-se como uma complexa prática social, econômica e política. No entanto, o sistema social hegemônico, estruturado pelo patriarcado, capitalismo e pelo racismo, tem historicamente imposto essa responsabilidade vital ao universo feminino. O que deveria ser uma prática de interdependência e responsabilidade coletiva, defendida pela Ética do Cuidado (Joan Tronto), apresenta-se no Brasil como uma carga desproporcional.

O cenário aponta para uma crise invisível do cuidado. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) revela, por meio da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), a extensão dessa desigualdade. Em 2022, as mulheres dedicam, em média, 21,3 horas semanais aos afazeres domésticos e/ou cuidado de pessoas, um volume de tempo que quase dobra as 11,7 horas dedicadas pelos homens[1]. Esta disparidade não reflete apenas uma questão de gênero, mas sim de interseccionalidade.

A urgência desse debate se intensifica quando aplicamos o recorte interseccional (Kimberlé Crenshaw), conforme sugerem pensadoras como Djamila Ribeiro e Bell Hooks. A literatura sugere que essa sobrecarga mostra-se significativamente mais aguda para mulheres negras de classes populares. Historicamente vinculadas ao trabalho doméstico e reprodutivo desde a escravidão, essas mulheres carregam o peso do mito da "mãe preta guerreira", uma figura celebrada pela sua capacidade de sacrifício e resiliência, mas que tem seu sofrimento, seu trabalho e sua subjetividade silenciados. Estas mulheres não apenas estão na base da pirâmide do trabalho do cuidado remunerado (como domésticas ou cuidadoras profissionais), operando em condições de alta informalidade e

[1] INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua): Outras formas de trabalho 2022. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Os dados apontam que a taxa de realização de afazeres domésticos e/ou cuidado de pessoas foi de 92,1% para as mulheres e 80,8% para os homens.

vulnerabilidade. O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) corrobora esse quadro ao demonstrar que a maior parte da força de trabalho em ocupações de cuidado remunerado é composta por mulheres negras com baixos salários e pouca proteção social. O cuidado impõe-se, para elas, como um imperativo de sobrevivência, que as estruturas sociais e a própria mídia de massa tendem a enquadrar como um "gesto de amor" ou uma "vocação natural", ocultando sua natureza de trabalho, seu custo humano e, em especial, seu profundo custo emocional.

1.2. O PROBLEMA DE PESQUISA E DELIMITAÇÃO DO CORPUS: O CUIDADO ESTÉTICO VS. O CUIDADO EMOCIONAL

Pressupõe-se que a Comunicação Social hegemônica desempenha um papel central na manutenção dessa invisibilidade. Em vez de expor a desigualdade na divisão do trabalho de cuidado, as narrativas midiáticas frequentemente operam por meio de dinâmicas de romantização e estereotipagem. As telenovelas, por seu alcance massivo, funcionam como veículos poderosos para celebrar a abnegação (o mito da cuidadora incansável), o que pode atenuar a percepção do cansaço físico, do esgotamento mental e da falta de reconhecimento público.

Este trabalho se propõe a analisar o hiato entre a representação do cuidado estético e o silenciamento do cuidado emocional nas mídias de grande alcance. Entende-se por cuidado estético a representação dramática, visível e romantizada do ato de cuidar, frequentemente associada ao heroísmo e ao sacrifício, que serve ao propósito da narrativa melodramática, mas oculta a dimensão de trabalho e a injustiça estrutural. Em contrapartida, o cuidado emocional refere-se ao peso subjetivo, à exaustão, à solidão, à falta de apoio e à negação do direito ao autocuidado, que constitui o aspecto crucialmente invisibilizado.

Para tal, o corpus de análise foi delimitado em duas obras de ficção televisiva que representam mulheres negras em posição de cuidado, permitindo o estudo desse contraste:

1. Telenovela "Amor de Mãe" (Rede Globo, 2019-2021): O foco recai sobre a personagem Lurdes, que encarna o arquétipo da "mãe heroína" e cuidadora incansável. A narrativa é analisada a partir do modo como a sua busca de décadas e a sua capacidade de sacrifício são estetizadas e romantizadas como prova de um amor incondicional, o que tende a desviar o foco das lacunas estruturais que a forçam a viver à margem, explorada no trabalho e sobrecarregada no cuidado familiar. Investiga-se como o drama e a abnegação de Lurdes (o cuidado estético) são exaltados, enquanto seu esgotamento e sua vida negada (o cuidado emocional) são minimizados ou tratados apenas como reveses temporários na sua jornada heroica.

2. Telenovela "Vai na Fé" (Rede Globo, 2023): O foco centra-se nas personagens femininas negras, em especial a protagonista Sol, que precisa conciliar o trabalho formal com as responsabilidades domésticas e de cuidado com a família. Esta novela é examinada a partir do modo como a narrativa se apoia nos atributos de fé, força, bom humor e resiliência para justificar o esforço da tripla jornada. Avalia-se se o discurso midiático, ao celebrar a capacidade de Sol de "dar conta" de tudo com alegria (o cuidado estético), naturaliza o seu esgotamento, transformando a sobrecarga em virtude e restringindo o espaço para o descanso, o acolhimento e o cuidado emocional.

A partir dessa delimitação e do contraste entre as dimensões do cuidado, o problema de pesquisa é estabelecido:

Problema de Pesquisa:

Como a comunicação audiovisual brasileira, especificamente nas narrativas das novelas "Amor de Mãe" e "Vai na Fé", contribui para a romantização do trabalho de cuidado e a invisibilização da sobrecarga e do peso emocional vivenciados por mulheres negras, ao priorizar a representação do cuidado em sua dimensão estética e negligenciar sua dimensão política e subjetiva?

1.3. OBJETIVOS DO ESTUDO

1.3.1 OBJETIVO GERAL

Analisar os mecanismos discursivos pelos quais a teledramaturgia brasileira, especificamente nas telenovelas selecionadas, constrói narrativas idealizadas sobre o cuidado, contrastando a estetização do sacrifício com a realidade da exaustão subjetiva de mulheres negras.

1.3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Analisar criticamente a representação do trabalho de cuidado nas telenovelas "Amor de Mãe" e "Vai na Fé", identificando os códigos de romantização e os estereótipos associados ao mito da "Mãe Preta Guerreira".

Diferenciar os elementos do cuidado estético (representação heroica) e do cuidado emocional (custo subjetivo) nas narrativas midiáticas selecionadas.

Investigar as estratégias narrativas (luz, enquadramento, roteiro) que contribuem para o apagamento da dimensão política e econômica do cuidado enquanto trabalho.

Contrastar as narrativas ficcionais com a fundamentação teórica de Lélia Gonzalez sobre a "maternalização" da mulher negra na cultura brasileira.

1.4 HIPÓTESES DE TRABALHO

Para orientar a investigação e a estruturação das matrizes de análise fílmica do corpus, estabeleceram-se as seguintes suposições teóricas:

Hipótese Central:

A Comunicação Social hegemônica tende a reforçar uma visão idealizada e essencialista do cuidado, projetando-o como um gesto natural, voluntário e afetivo.

Ao focar prioritariamente no seu aspecto estético (o ato visível de cuidar), as narrativas operam o apagamento da dimensão de trabalho e do peso emocional (o desgaste subjetivo, o cansaço e a ausência de reciprocidade). Essa dinâmica manifesta-se de forma acentuada na maneira como a mídia trata o trabalho de cuidado exercido por mulheres negras, refletindo traços do racismo e do patriarcado estruturais.

Micro-Hipóteses (H):

H1: A romantização do cuidado se manifesta de forma proeminente nas narrativas ficcionais das telenovelas de grande alcance por meio de estratégias de espetacularização do afeto, as quais variam entre a estetização do sacrifício doméstico clássico e a exaltação da resiliência mediada por discursos de fé.

H2: A representação da mulher negra cuidadora nas novelas estudadas é apresentada predominantemente sob o arquétipo da "mãe forte" ou "guerreira", cuja resiliência é celebrada pelo roteiro, funcionando como estratégia discursiva para naturalizar e justificar a tripla jornada de trabalho.

H3: A dimensão do cuidado emocional tende a ser mitigada nas telas nos momentos de resolução narrativa, operando para não romper com o pacto melodramático de superação ou com as expectativas de um desfecho conciliatório.

1.5. JUSTIFICATIVA

A relevância deste trabalho reside em sua dupla contribuição. Em um nível social e político, o cuidado constitui uma crise silenciosa que demanda visibilidade crítica. A análise aqui proposta busca desconstruir a naturalização desse fardo, evidenciando a necessidade de um debate público sobre a redistribuição e o reconhecimento dessas funções na estrutura social brasileira.

Em um nível acadêmico, o estudo contribui para o campo da Comunicação ao problematizar a invisibilidade simbólica, aplicando um ferramental teórico que cruza

a Ética do Cuidado (Joan Tronto) com a Interseccionalidade (Bell Hooks) e as teorias de Representação (Stuart Hall e Muniz Sodré) para analisar criticamente a mídia de massa brasileira. O trabalho se justifica ao oferecer uma lente analítica que une a sociologia do cuidado aos estudos audiovisuais, essencial para a formação de comunicadores conscientes.

1.6 METODOLOGIA E ESTRUTURA DA PESQUISA

O estudo se baseia em uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória e descritiva, estruturada nas seguintes etapas:

1. Pesquisa bibliográfica: Fundamentação teórica em estudos sobre Comunicação, representações sociais, cuidado, raça e gênero, buscando embasamento para os conceitos de cuidado estético, cuidado emocional e o mito da "mãe preta guerreira".

2. Análise fílmica e de conteúdo: Execução de análise crítica em cenas e sequências selecionadas das telenovelas "Amor de Mãe" e "Vai na Fé", com o objetivo de identificar os códigos de romantização e os mecanismos de apagamento da dimensão emocional e política do cuidado.

3. Análise crítica final e síntese dos resultados: Confronto direto entre as construções narrativas observadas nas telenovelas e o referencial teórico estabelecido, tensionando as representações do "cuidado estético" com as discussões sobre a invisibilidade do trabalho emocional e discutindo as contradições discursivas da mídia de massa.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, estabelece-se a base teórica e conceitual que sustenta a investigação sobre as representações do cuidado na teledramaturgia brasileira. A fundamentação aqui apresentada não se limita a uma revisão bibliográfica passiva, mas propõe um diálogo crítico entre a ética política, a sociologia decolonial e as teorias da comunicação. O percurso analítico parte da compreensão do cuidado

como uma categoria universal, porém distribuída de forma desigual na estrutura social brasileira, para então mergulhar nas especificidades da subjetividade da mulher negra e nos mecanismos de construção de imaginários pela mídia de massa.

2.1. O CUIDADO COMO TRABALHO E PRÁTICA POLÍTICA:

A ética do cuidado de Joan Tronto Para desmistificar o cuidado como um mero "instinto" ou "gesto de amor" e elevá-lo à categoria de prática política e trabalho, recorre-se à Ética do Cuidado de Joan Tronto, desenvolvida em sua obra seminal Moral Boundaries: A Political Argument for an Ethic of Care (1993). Tronto (1993) define o cuidado de forma abrangente:

O cuidado é uma atividade genérica que inclui tudo o que fazemos para manter, dar continuidade e reparar nosso 'mundo', de modo que possamos viver nele tão bem quanto possível. Esse mundo inclui nossos corpos, nós mesmos, nossos ambientes, os quais procuramos tecer em uma teia complexa e sustentadora da vida (TRONTO, 1993, p. 103).

A perspectiva de Tronto é fundamental para este trabalho pois ela retira o ato de cuidar da esfera puramente privada e o insere no centro da teoria política. A autora argumenta que a exclusão histórica das mulheres da vida pública ocorreu através do seu confinamento ao trabalho de cuidado, considerado de menor valor. A politização do cuidado exige a desconstrução da ideia de responsabilidade individual para transformá-lo em um debate sobre justiça social. No Brasil, essa "irresponsabilidade privilegiada" das elites permite que o trabalho braçal e emocional de manutenção da vida seja delegado quase integralmente a mulheres negras e pobres.

2.1.1. AS QUATRO FASES E ELEMENTOS MORAIS DO CUIDADO (TRONTO)

Para analisar essa atividade complexa, Tronto propõe um modelo de quatro fases sequenciais que descrevem o processo prático de cuidar:

1. Caring about (Preocupar-se com): Atenção (Attentiveness). Esta é a fase inicial de reconhecimento. Consiste na percepção de uma necessidade de cuidado, seja ela

pessoal (fome, doença) ou social (pobreza, injustiça). A falha da sociedade começa aqui: há uma "cegueira seletiva" em reconhecer a exaustão da cuidadora como uma necessidade urgente de intervenção. A comunicação, ao focar apenas no final feliz do cuidado e não no seu custo, falha na atenção. O estudo se propõe a analisar o custo real da abnegação.

2. Caring for (Cuidar de): Responsabilidade. Uma vez percebida a necessidade, alguém deve assumir a responsabilidade de atendê-la. Tronto argumenta que, em uma sociedade justa, essa responsabilidade deveria ser compartilhada entre indivíduos, família, mercado e Estado. No Brasil, esta responsabilidade é maciçamente jogada sobre os ombros das mulheres. A romantização midiática age como uma justificativa ideológica para essa transferência, reforçando a ideia de que a responsabilidade é inerente à mulher, eximindo o Estado de políticas públicas e a família de uma divisão equitativa.

3. Care giving (Prover o cuidado): Competência. Esta é a execução prática, o trabalho. Envolve habilidades técnicas, emocionais e gerenciais. É o trabalho exaustivo de dar banho, alimentar, medicar, educar, limpar, confortar. A Competência é a fase mais sobrecarregada, mas é a menos valorizada social e economicamente. A mídia, ao focar no resultado (o paciente bem cuidado) e não no processo (o desgaste do cuidador), torna essa competência invisível.

4. Care receiving (Receber o cuidado): Responsividade (Responsiveness). É a reação do receptor do cuidado e a avaliação de que a necessidade foi atendida. Esta fase envolve a escuta ativa para garantir que o cuidado foi efetivo na perspectiva do outro. Em um contexto político, a responsividade se traduz na obrigação de ouvir as demandas de quem cuida. O problema é que o sistema é irresponsível: as cuidadoras reclamam da falta de creches, da informalidade ou da solidão, mas a sociedade e o Estado não respondem a essas demandas como questões de justiça.

A romantização na comunicação age ao manter a responsabilidade (fase 2) no indivíduo (a mulher) e ocultar a competência e o desgaste da prestação (fase 3), reforçando as fronteiras morais que excluem o trabalho do cuidado do campo da

política e da justiça. 2.1.2. O imperativo da justiça: Caring with e a crítica política Embora as quatro fases descrevam o processo do cuidado, o cerne da crítica de Tronto reside na dimensão política que atravessa todas elas, frequentemente referida como a Quinta Dimensão ou Caring with (Cuidar com). O Caring with não é uma etapa sequencial, mas sim o olhar para a justiça e a solidariedade (plurality and solidarity). Este imperativo político questiona: Quem tem a responsabilidade de cuidar? Quem tem permissão para receber o cuidado? Como a sociedade reconhece (ou não) o trabalho de quem cuida?

2.2 INTERSECCIONALIDADE, ECONOMIA FEMINISTA E O TRABALHO ESCONDIDO DO CUIDADO

A análise do cuidado na sociedade brasileira é incompleta se não for aplicada sobre o prisma da interseccionalidade, conceito cunhado por Kimberlé Crenshaw (1991) para descrever como diferentes vetores de opressão — raça, gênero e classe — se sobrepõem, criando experiências de violência específicas. Crenshaw oferece a metáfora da encruzilhada: "As mulheres de cor são frequentemente localizadas no lugar onde as estradas se cruzam, ou seja, onde a discriminação de raça e sexo se encontram" (CRENSHAW, 1991, p. 1244).

É justamente aqui que a teoria de Joan Tronto encontra sua ancoragem mais crítica na realidade brasileira. A "ética do cuidado" não opera em um vácuo social; ela se materializa sobre corpos marcados pela raça e pela classe. Ao cruzarmos a formulação de Tronto com a interseccionalidade de Crenshaw, percebe-se que a distribuição das fases do cuidado é profundamente racializada.

Enquanto as elites econômicas brancas exercem o "caring about" (apenas constatando a necessidade do cuidado e terceirizando-o), às mulheres negras é reservado o núcleo duro do "care giving", a execução física e exaustiva do trabalho doméstico e reprodutivo. Essa intersecção atinge o ponto mais crítico na figura da mulher negra, historicamente atrelada ao trabalho doméstico desde a escravidão. O resultado social desse processo é a idealização da mulher negra como eternamente forte, culminando no Mito da Mãe Preta Guerreira, tema central deste trabalho. Djamila Ribeiro e Bell Hooks demonstram como o feminismo negro historicamente

expôs o mito da mulher universal e a exclusão da mulher negra das pautas feministas brancas.

No contexto do cuidado, a mulher negra é posicionada na base da pirâmide de delegação: sua força de trabalho é considerada a mais barata, abundante e invisível, funcionando como um mecanismo de negação da dor e do sofrimento:

"O foco no conceito de força da mulher negra serve para obscurecer e negar a realidade do sofrimento, do trauma e da dor, o que nos é historicamente imposto" (HOOKS, 1981, p. 18).

Nesse sentido, o artigo de Aguayo e Ramírez (2019), "La Economía Solidaria en la politización del trabalho escondido de las mujeres", complementa esse quadro. As autoras abordam o cuidado como trabalho escondido, ou seja, uma prática econômica não remunerada e socialmente desvalorizada que sustenta o sistema capitalista e patriarcal. A invisibilidade midiática é, portanto, o reflexo simbólico da invisibilidade econômica desse trabalho. A politização do cuidado exige não apenas a valorização social, mas o reconhecimento do seu peso econômico, rompendo com a sua naturalização como "amor de mãe" ou "missão feminina".

2.3 O LUGAR DA "MÃE PRETA" E A MATERNALIZAÇÃO DA CULTURA EM LÉLIA GONZALEZ

Este estudo encontra seu pilar fundamental em Lélia Gonzalez (1984). Em "Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira", Gonzalez discute como o mito da Mãe Preta é o pilar do imaginário nacional. A Mãe Preta é aquela que "maternaliza" a cultura, cuidando do corpo e do afeto da elite branca enquanto sua própria humanidade é recalcada.

Para Gonzalez, a Mãe Preta é amada enquanto é servil e silenciosa, ocupando o "lugar da mucama" na estrutura simbólica. Ao analisarmos as novelas contemporâneas, percebemos que o arquétipo da "mãe guerreira" é uma atualização desse mito colonial. A exaltação da resiliência de personagens como Lurdes ou Sol serve para desumanizá-las, retirando delas o direito ao sofrimento, ao erro e, principalmente, ao cuidado emocional. Como aponta Gonzalez, essa representação

fixa a mulher negra em uma função de serviço, impedindo que ela seja vista como sujeito pleno de desejos e direitos.

2.4 IDENTIDADE, REPRESENTAÇÃO E A TELENOVELA (STUART HALL E MUNIZ SODRÉ)

Stuart Hall (2016) define a identidade como uma narrativa em constante construção, ressaltando que a mídia não apenas reflete identidades, mas ativamente as produz através de sistemas de representação. Quando conectamos essa perspectiva ao pensamento de Lélia Gonzalez, desvela-se como a comunicação de massa opera para atualizar mitos fundacionais. A representação romantizada da cuidadora negra nas novelas contemporâneas pode ser compreendida, à luz de Hall, como uma estratégia discursiva de fixação de estereótipos. O estereótipo, para Hall, reduz, essencializa e fixa a "diferença", mantendo os sujeitos subalternizados atrelados a determinados papéis sociais. Dessa forma, a figura da "Mãe Preta" colonial de Gonzalez é reatualizada na teledramaturgia sob a roupagem da "mãe guerreira periférica". A mídia de massa captura a herança do trauma colonial e a ressignifica como uma virtude estética moderna.

Ao celebrar visualmente essa força, o aparato comunicacional produz sentidos que legitimam a posição de serviço da mulher negra, neutralizando seu potencial de contestação política e mantendo a engrenagem social pacificada. Muniz Sodré complementa essa visão ao discutir como a comunicação de massa brasileira opera como um monopólio de sentido. Quando a teledramaturgia prioriza o "cuidado estético" (a imagem heroica), ela silencia o "cuidado emocional" (o cansaço real). O resultado é uma narrativa que, embora pareça homenagear a mulher negra, na verdade reforça as fronteiras morais que a excluem do campo da política e da justiça, mantendo-as presas ao ciclo da abnegação absoluta.

3. METODOLOGIA: O PERCURSO DA ANÁLISE DE CONTEÚDO

A compreensão das representações do cuidado de mulheres negras na teledramaturgia exige uma abordagem que vá além da superfície das imagens, considerando os sentidos, discursos e ideologias que atravessam essas narrativas.

Nesse sentido, esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória e descritiva, adequada à investigação de fenômenos simbólicos e sociais complexos. Os procedimentos metodológicos fundamentam-se na Análise de Conteúdo, conforme proposta por Laurence Bardin (1977), articulada à análise fílmica, permitindo uma leitura ampliada do objeto a partir de três dimensões complementares: texto, contexto e estética.

3.1. A ANÁLISE DE CONTEÚDO SOB A ÓTICA DE LAURENCE BARDIN

A análise de conteúdo é compreendida aqui como um dispositivo de desvendamento crítico. Bardin (1977) a define como um conjunto de instrumentos metodológicos aplicados a discursos extremamente diversificados. No contexto desta monografia, a AC permite transformar o material bruto das telenovelas em dados passíveis de interpretação científica. A rigorosidade do método exige o cumprimento de três etapas fundamentais:

1. A Pré-análise: Esta fase corresponde ao período de intuição e organização. Realizou-se a "leitura flutuante" das obras Amor de Mãe e Vai na Fé, permitindo o contato inicial com as narrativas. A partir dessa imersão, selecionou-se o corpus (as personagens Lurdes e Sol) e elaboraram-se os indicadores que guiam a análise.

2. A Exploração do material: Consiste na aplicação prática das decisões tomadas. Aqui, as cenas foram exaustivamente assistidas e decupadas em unidades de registro (frases, gestos, silêncios) para a identificação de padrões de repetição estruturais da representação do cuidado.

3. O Tratamento dos resultados e a inferência: Com os dados organizados, procede-se à interpretação. Bardin (1977) destaca que o analista deve ser capaz de realizar inferências, ou seja, apontar as causas e consequências sociais daquilo que está sendo representado na tela. É neste ponto que o referencial teórico é convocado para explicar a persistência desses arquétipos na TV contemporânea.

3.2. A SISTEMA DE CATEGORIZAÇÃO E AS UNIDADES DE REGISTRO

Para garantir a objetividade da análise, a pesquisa estabelece três categorias analíticas que funcionam como eixos norteadores:

Categoria 1: A estetização do sacrifício (cuidado estético): Busca identificar cenas onde o trabalho braçal e a exaustão da mulher negra são envoltos em uma aura de heroísmo ou legitimação afetiva. Analisam-se diálogos e enquadramentos que exaltam a "força" como algo intrínseco.

Categoria 2: A dimensão oculta do esgotamento (cuidado emocional): Foca no que a narrativa oculta ou mostra de forma tangencial: o choro solitário, o sofrimento psíquico, o silenciamento dos próprios desejos e a ausência de canais de apoio ou autocuidado.

Categoria 3: Tensões entre representação e agência: Analisa se a narrativa permite à personagem momentos de autonomia que fujam da lógica do serviço doméstico ou familiar, observando se ela possui vida social e intelectual independente da família que assiste.

3.3 CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DO CORPUS E JUSTIFICATIVA DAS CENAS

A escolha das telenovelas Amor de Mãe (2019) e Vai na Fé (2023) justifica-se por sua centralidade na grade horária de maior audiência da televisão aberta nacional e pelo impacto social de suas protagonistas na representação da maternidade e do trabalho reprodutivo contemporâneos. Para viabilizar a profundidade analítica exigida pelo método qualitativo, foram selecionados recortes temporais específicos (cenas) que funcionam como pontos de inflexão dramática (turning points) nas trajetórias de Lurdes e Sol.

O critério de amostragem das quatro cenas estruturou-se a partir de dois eixos de contraste empírico complementares:

1. O Cuidado como Consagração e Sacrifício Material: A seleção do Capítulo 1 de Amor de Mãe (Cena 1: O Discurso de Formatura) e do Capítulo 17 de Vai na Fé (Cena 4: A Estetização do Banho) justifica-se por documentar o núcleo prático do

trabalho reprodutivo e do dever filial. Ambas as sequências são ideais para analisar como o aparato audiovisual opera a conversão da renúncia profissional e da exploração laboral em momentos de celebração afetiva familiar.

2. O Cuidado como Colapso e Enfrentamento Subjetivo: A escolha do Capítulo 73 de Amor de Mãe (Cena 2: O Desabafo no Hospital) e do Capítulo 136 de Vai na Fé (Cena 3: O Culto de Enfrentamento) ampara-se na necessidade de investigar os momentos em que o imperativo da resiliência e o silenciamento se rompem. São cenas em que a dimensão oculta do cuidado emocional e o trauma emergem na superfície do texto, permitindo testar empiricamente as variáveis de resistência política e os limites psíquicos das personagens.

3.4 A análise fílmica como decodificadora da imagem

Complementarmente à análise textual, a análise fílmica intervém para decodificar a linguagem visual, partindo do princípio de que a construção formal da imagem induz a percepções específicas. Os instrumentos da análise fílmica utilizados nesta pesquisa são:

1. Mise-en-scène (encenação): Analisa-se a posição da personagem no cenário, avaliando como a disposição dos espaços (doméstico, eclesiástico, hospitalar) reforça ou tensiona sua função de cuidadora.

2. Linguagem de câmera (ângulos e planos): O uso de Close-ups para extrair e gerir a emoção do sofrimento versus o uso de planos conjuntos e médios que situam a atividade laboral.

3. Sonoplastia e trilha sonora: Investigação de como a música e os ruídos de fundo manipulam a percepção da sobrecarga, atuando para suavizar ou amplificar as tensões dramáticas.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS: A ESTÉTICA DO CUIDADO EM "AMOR DE MÃE" E "VAI NA FÉ"

A análise das representações do cuidado na teledramaturgia brasileira exige compreender como personagens femininas negras são construídas a partir de narrativas que articulam afeto, responsabilidade e sobrecarga. Nesse sentido, este capítulo se dedica à análise empírica do corpus selecionado, tomando como base os procedimentos da Análise de Conteúdo e da análise fílmica previamente apresentados. O objetivo é confrontar as trajetórias das personagens Lurdes e Sol com os fundamentos da Ética do Cuidado e da Interseccionalidade, evidenciando como essas narrativas tensionam ou reforçam estereótipos historicamente associados à mulher negra cuidadora. Para isso, a análise será organizada em eixos temáticos correspondentes às categorias definidas na metodologia, possibilitando um olhar comparativo sobre a permanência e as transformações desses arquétipos na teledramaturgia brasileira.

4.1 ANÁLISE EMPÍRICA DO CORPUS: O PARALELO DO CUIDADO EM DISCURSO E DESABAFO

Para avaliar a operacionalização das categorias analíticas estabelecidas e testar as hipóteses norteadoras desta pesquisa, as cenas selecionadas do corpus foram decupadas em matrizes metodológicas. Estas tabelas correlacionam os elementos da linguagem audiovisual (Unidades de Contexto e Decomposição Fílmica) com os indicadores verbais e conceituais da Análise de Conteúdo (Bardin, 1977), confrontando o cuidado estético e o cuidado emocional.

4.1.1 CENA 1: O DISCURSO DE FORMATURA (CAPÍTULO 1)

A primeira cena analisada estabelece a introdução do arco dramático da maternidade heróica na telenovela. A tabela a seguir demonstra como a linguagem técnica do melodrama atua para estetizar o sacrifício laboral da personagem Lurdes.

FIGURA 1



Reprodução: Globoplay

Tabela 1 – O discurso de formatura (Amor de Mãe)

Decupagem visual e planos	*Conteúdo verbal transcrito (unidade de registro)*	*Semiótica da imagem e cenografia*	*Paisagem sonora e efeitos*	*Categorização operacional*	*Interface Crítica: Cuidado Estético vs. Emocional*
Plano 1 Plano Médio fixo na mesa diretora da formatura.	"...à pessoa que mais me apoiou em todos os dias da minha vida, a minha mãe, Dona Lurdes, que tá bem ali."	Camila centralizada no enquadramento, utilizando vestes institucionais (beca e capelo). Expressão facial de serenidade e altivez.	Ruído de fundo composto por aplausos em massa e manifestações de celebração pública da plateia.	Categoria 1: Indicadores de Cuidado Estético (Validação pública do sacrifício).	Estabelece-se a espetacularização do resultado final do cuidado. A conquista acadêmica da filha legitima retroativamente a exclusão da mãe das redes formais de apoio, transportando o debate estrutural para a esfera afetiva familiar.
Plano 2	(A plateia irrompe em	Lurdes é captada no	Trilha musical melodramática	Categoria 1:	Operacionalização da Fase 2 de

Plano Reverso em Plano Médio, cortando para a multidão.	aplausos e gritos de celebração)	centro do público. Veste blusa em tom amarelo saturado e colar de pérolas, denotando uma estética de festividade. Sorriso amplo e lágrimas nos olhos.	em tonalidade ascendente (instrumentos de corda), induzindo à catarse emocional do espectador.	Indicadores de Cuidado Estético (Assunção voluntária da responsabilidade).	Tronto (Caring for). A linguagem visual insere Lurdes em uma penumbra acolhedora que romantiza seu isolamento político: a personagem aceita e celebra a responsabilidade totalizada de prover o cuidado sozinha.
Plano 3 e 4 Primeiro Plano (Close-up) fechado no semblante de Camila.	"Sabe, mãe, às vezes eu acho que a senhora não tem noção do que conseguiu fazer. Educar quatro filhos, sozinha, com salário de doméstica e babá não é fácil."	A câmara aproxima-se para registrar a microexpressão de contenção da emoção. Olhar direcionado levemente para baixo antes de fitar o horizonte.	Diminuição sutil dos ruídos de fundo do auditório, destacando e isolando a voz embargada da oradora para amplificar o impacto do texto.	Categoria 1: Indicadores de Cuidado Estético (Legitimação da desigualdade pelo afeto).	O guião reconhece explicitamente a clivagem de classe e raça ("salário de doméstica e babá"), contudo, a direção cênica utiliza o close-up para converter a exploração laboral de uma mulher negra e periférica em uma narrativa de superação e mérito privado.
Plano 5 e 6 Alternância entre Plano Médio de Lurdes e Close-up de Camila.	"Eu vi a senhora acordando todos os dias tão cedo [...] Eu via a senhora preparar o nosso café da manhã antes de sair [...] mesmo nessa luta, a senhora sempre teve tempo..."	Lurdes balança a cabeça positivamente em sinal de anuência terna. Camila apresenta uma lágrima escorrendo pelo olho esquerdo, mantendo a firmeza postural.	Manutenção da linha musical de cordas, que dita o ritmo pausado e solene da fala de Camila, sacralizando a narrativa temporal do esforço.	Categoria 1: Indicadores de Cuidado Estético (Naturalização da dupla/tripla jornada).	O "tempo" que Lurdes encontra para o afeto é confiscado de suas horas de repouso biológico ("ainda era de noite"). A narrativa oculta o apagamento da saúde da cuidadora ao focar na sua competência inabalável de manter a sustentação da vida alheia.
Plano 7 e 8	Camila: "Mas a senhora	Expressão de Camila	Silêncio temporário da	Categoria 1:	A violência do Estado

Close-up de transição de tom evoluindo para Plano Médio de Lurdes.	chegou a dormir na fila da escola pra conseguir me matricular." Lurdes: (sussurro) "Foi..."	transiciona para uma seriedade assertiva. Lurdes sussurra de forma introspectiva, confirmando a memória institucional da escassez.	trilha sonora instrumental, conferindo peso realista e dramático à expressão de escassez de recursos do núcleo familiar.	Indicadores de Cuidado Estético (Ocultamento da falha estatal).	(escassez de vagas na educação pública, forçando o cidadão a dormir na fila) é ressignificada como "prova de amor materno". O cuidado estético se consolida ao eximir as instituições públicas da corresponsabilidade pela cidadania.
Plano 9 e 10 Primeiro Plano (Clímax dramático) com transição para Plano Médio.	Camila: "A senhora sempre acreditou em mim [...] Mãe... você é uma guerreira. Você é minha heroína." Lurdes: "Meu amorzinho!"	O rosto de Camila transmite firmeza em meio às lágrimas. Lurdes chora abertamente e grita no auditório, abraçando os sujeitos ao redor.	Ápice de volume da trilha musical (Crescendo), selando a catarse melodramática antes da transição da cena (Fade out).	Categoria 1: Indicadores de Cuidado Estético (Fixação definitiva do arquétipo colonial).	A outorga dos títulos de "guerreira" e "heroína" carimba o processo de deshumanização da mulher negra cuidadora. A celebração da resiliência inata atua como uma barreira discursiva que impede a emersão do cansaço e legitima a perpetuação do sofrimento.

Fonte: Elaborada pela autora (2026)

A análise pormenorizada da Tabela 1 oferece subsídios empíricos densos que confirmam a validade da Hipótese Central e da Micro-Hipótese 1 (H1) propostas neste estudo. O arranjo das variáveis técnicas da linguagem televisiva no horário nobre atua para construir uma engrenagem discursiva de legitimação social da assimetria do trabalho reprodutivo.

Ao decompormos os Planos 1 ao 4, fica evidente que o foco da teledramaturgia orienta-se para a espetacularização do "produto final" do processo de cuidar, a ascensão acadêmica e social da filha graduada. Esse enquadramento

opera um apagamento sistêmico e retroativo de todo o desgaste material, físico e psicológico experienciado por Lurdes ao longo de décadas de trabalho doméstico e parental. A narrativa melodramática constrói um pacto com o espectador onde o sacrifício e a privação extrema são convertidos em requisitos biográficos nobres, chancelando o que Joan Tronto (1993) identifica como a "irresponsabilidade privilegiada". As elites que contrataram a força de trabalho de Lurdes como babá e empregada doméstica, bem como as instituições estatais que falharam em garantir o acesso básico à educação sem a necessidade de uma violência corporal (como dormir na rua em uma fila de matrícula), são totalmente desresponsabilizadas pelo discurso ficcional.

Ademais, a análise de conteúdo do léxico empregado no discurso de Camila demonstra a reiteração e a fixação do mito da "mãe preta forte e guerreira", conceito central nas críticas de bell hooks (1981) e Lélia Gonzalez (1984). Nos Planos 9 e 10, a aclamação de Lurdes como uma "heroína" funciona como um prêmio simbólico de compensação social. A sociedade, por meio do aparato comunicacional da televisão, aplaude a capacidade de abnegação absoluta dessa mulher para não ter de redistribuir os custos materiais do cuidado. A "força" deixa de ser uma contingência de sobrevivência imposta pelo racismo e pelo machismo estruturais e passa a ser lida como um traço biológico, espiritual ou de caráter inerente a esse grupo subalternizado. O cuidado estético triunfa na exata medida em que esconde a dor por trás da moldura dourada do sucesso familiar, mantendo intocada a base da pirâmide socioeconômica.

4.1.2 CENA 2: O DESABAFO DE CAMILA NO HOSPITAL (CAPÍTULO 73)

A segunda cena analisada funciona como o contraponto crítico à estetização inicial, introduzindo as fissuras no discurso da resiliência. A matriz abaixo detalha a emersão do cuidado emocional e o teto limite imposto pelo esgotamento subjetivo.

FIGURA 2



Reprodução: Globoplay

Tabela 2 – O desabafo de Camila no hospital (Amor de Mãe)

Decupagem visual e planos	*Conteúdo verbal transcrito (unidade de registro)*	*Semiótica da imagem e cenografia*	*Paisagem sonora e efeitos*	*Categorização operacional*	*Interface Crítica: Cuidado Estético vs. Emocional*
Plano 1 e 6 Primeiro Plano (Close-up) fixo no semblante de Lurdes.	Lurdes: "Camila, tu vai aguentar. Tu é forte!"	Categoria 1 e 2: Confronto entre a reprodução do arquétipo e o silenciamento.	Silêncio clínico de fundo, que amplifica a gravidade dramática do ambiente e a crueza do diálogo entre mãe e filha.	Categoria 1 e 2: Intersecção entre a reprodução do arquétipo e o silenciamento latente.	Lurdes aciona o automatismo discursivo da "força" como única tecnologia de sobrevivência psicológica disponível. Revela-se a herança colonial da opressão: a cuidadora exige da sua descendente a mesma resiliência desumanizante que lhe foi cobrada.

Plano 2 e 3 Plano Conjunto do quarto de internação, progredindo para Close-up de Camila.	Camila: (voz embargada) "É, mãe... Mas o problema é esse! Eu sempre vou ter que ser forte. Sempre!"	Camila deitada no leito hospitalar, vestindo o avental cirúrgico e com o braço imobilizado por uma tipóia preta. Presença de aparelhos médicos na parede de fundo.	A sonoplastia permanece despida de trilhas musicais neste momento, destacando o som da respiração ofegante e o choro contido da personagem.	Categoria 2: Indicadores de Cuidado Emocional (Fissura e denúncia do esgotamento).	O cenário clínico frio rompe radicalmente com a estética calorosa do auditório da formatura. O guião introduz o conflito central: a recusa em habitar o lugar simbólico da "guerreira". O cuidado emocional emerge como um fardo psíquico insustentável.
Plano 4 Plano Detalhe / Close-up com angulação lateralizada no rosto de Camila.	"...porque a gente é pobre e eu quero estudar. [...] porque eu sou mulher, e pra mulher é tudo mais difícil. Tem que aguentar sempre um babaca olhando para o meu peito..."	Aproximação máxima da câmara, registrando a contração das sobrancelhas e o fluxo contínuo de lágrimas. O cabelo cacheado emoldura o semblante de dor.	Aumento da intensidade vocal de Camila, cujo tom transiciona da tristeza para a indignação política, pontuando cada sentença verbal.	Categoria 2: Indicadores de Cuidado Emocional (Explicitação dos marcadores de opressão).	Rompimento com a higienização discursiva da pobreza. O texto amarra o esgotamento subjetivo diretamente às opressões estruturais de classe e gênero, demonstrando que a necessidade de ser forte é uma imposição da violência do meio.
Plano 5 e 6 Primeiro Plano (Close-up) de Camila com corte rápido para Close-up de Lurdes.	Camila: "Eu tenho que ser forte porque eu sou preta, e a gente vive num país racista. [...] eu tentei ajudar os meus alunos, e eu tomei um tiro!"	Camila realiza gestos bruscos com a mão livre antes de cobrir o rosto. Lurdes ouve em silêncio absoluto, com os olhos marejados e boca entreaberta.	Manutenção do silêncio instrumental; o único som audível é o choro agudo e a falha na voz de Camila decorrente da falta de ar.	Categoria 2: Indicadores de Cuidado Emocional (Colapso e denúncia do racismo).	O clímax verbal verbaliza a encruzilhada interseccional de Crenshaw (1991). O "tiro" físico sintetiza a violência que atinge a mulher negra intelectualizada e periférica. O close-up de Lurdes documenta o confronto da cuidadora tradicional com o limite do sofrimento da filha.

Plano 7 Primeiro Plano (Close-up) centrado na mão de Camila sobre o peito.	Camila: (sussurro) "Eu estou cansada, mãe! Eu estou cansada de ser forte! Eu não vou poder ser fraca? Nem um dia? [...]"	Camila fita a mãe com os olhos abertos e estáticos, balançando a cabeça negativamente. O movimento corporal desacelera para uma imobilidade exausta.	Introdução sutil e tardia de uma trilha musical em piano e tom melancólico de baixa frequência, acompanhando o encerramento da cena (Fade out).	Categoria 2: Indicadores de Cuidado Emocional (Reivindicação do direito à subjetividade).	A interrogação de Camila ("Não vou poder ser fraca?") explicita o sequestro da subjetividade. A cena denuncia a falha da responsividade (Care receiving): a rede de cuidado é inexistente e o sofrimento emocional não encontra espaço de repouso ou acolhimento.

Fonte: Elaborada pela autora (2026).

A articulação dos dados quantificados e decupados na Tabela 2 permite testar empiricamente a Micro-Hipótese 2 (H2) e estabelece o eixo nevrálgico do paralelo conceitual que orienta este Trabalho de Conclusão de Curso. Ao colocarmos a Cena 1 e a Cena 2 em um diálogo dialético, desvela-se a mecânica com que o patriarcado capitalista supremacista branco (Hooks, 2000) opera na produção da teledramaturgia nacional.

No Capítulo 1, a comunicação social de massa celebra a abnegação absoluta de Lurdes, fixando-a no papel social de cuidadora inabalável. No entanto, no Capítulo 73, o texto ficcional é forçado a exibir o "reverso da medalha" desse processo: o adoecimento psíquico e o esgotamento material da geração seguinte. O desabafo contundente de Camila — "Eu estou cansada de ser forte!" — funciona como o colapso e a desconstrução discursiva do mito da heroína que havia sido sacramentado sob aplausos no início da trama. A análise do conteúdo verbal da personagem demonstra que a cobrança por uma resiliência ininterrupta é experimentada subjetivamente não como uma virtude espiritual, mas como uma violência psicológica continuada que interdita o direito ao erro, à fragilidade, ao descanso e, fundamentalmente, ao autocuidado.

O paralelo crítico atinge sua potência máxima ao observarmos o comportamento cênico e a decupagem de Lurdes no Plano 6 da Tabela 2.

Posicionada pela câmara como uma ouvinte silenciosa, estática e impotente, Lurdes testemunha a exteriorização da dor que ela própria passou a vida inteira silenciando e recalcando para poder desempenhar com eficácia o seu papel social de trabalhadora doméstica e mãe protetora. A incapacidade de Lurdes em oferecer uma solução institucional para além do jargão "tu vai aguentar, tu é forte" desnuda o coração do problema de pesquisa: no final do dia, ninguém cuida de quem cuidou.

Lurdes não possui uma rede de amparo psíquico, econômico ou estatal; sua única ferramenta pedagógica é transferir para a filha o mesmo imperativo do sacrifício que a consumiu. A edição da telenovela, embora abra esse espaço crítico de denúncia no ambiente hospitalar, tende a encerrar a cena com uma trilha sonora melancólica que engole a revolta política da personagem para devolvê-la ao fluxo do melodrama motivacional. Fica comprovada, portanto, a H2: o sofrimento emocional e o cansaço estrutural das mulheres negras são instrumentalizados pela linguagem televisiva como obstáculos temporários para inflar o arco heróico da narrativa, enquanto a engrenagem econômica do trabalho invisível do cuidado permanece intocada e higienizada para o consumo de massa.

4.2 ANÁLISE EMPÍRICA DO CORPUS: ESPIRITUALIDADE, AUTOCUIDADO E RESISTÊNCIA EM "VAI NA FÉ"

Para expandir o escopo comparativo desta investigação e testar a validade da Micro-Hipótese 1 (H1) e da Micro-Hipótese 2 (H2), o percurso metodológico debruça-se sobre a telenovela *Vai na Fé* (2023). A análise do Capítulo 136 isola as variáveis discursivas e estéticas que cercam a personagem Sol, investigando como os produtos teledramatúrgicos contemporâneos processam o trauma, a sobrevivência emocional e o autocuidado da mulher negra sob o signo da espiritualidade e da performance de massa.

4.2.1 CENA 3: O CULTO DE ENFRENTAMENTO (CAPÍTULO 136)

A cena ambientada na Igreja de Piedade marca o confronto direto entre a protagonista e seu antagonista/abusador, Theo. A matriz a seguir decompõe tecnicamente como os elementos de som, imagem e roteiro operam para mediar a

retomada da voz e a cura simbólica, ao mesmo tempo em que delimitam as fronteiras do cuidado estético no melodrama contemporâneo.

FIGURA 3



Reprodução: Globoplay

Tabela 3 – O culto de enfrentamento (Amor de Mãe)

Decupagem visual e planos	*Conteúdo verbal transcrito (unidade de registro)*	*Semiótica da imagem e cenografia*	*Paisagem sonora e efeitos*	*Categorização operacional*	*Interface Crítica: Cuidado Estético vs. Emocional*
Plano 1 Plano Conjunto do interior da Igreja de Piedade.	Jenifer: "O que que você tá fazendo aqui?" Theo: "Eu vim conhecer a igreja que você frequenta, minha filha."	Espaço eclesiástico periférico, sugerindo comunhão comunitária. Theo posicionado de forma invasiva nos bancos da congregação.	Introdução abrupta de uma trilha sonora de tensão incidental, sinalizando a quebra do ambiente de segurança familiar.	Categoria 2: Indicadores de Cuidado Emocional (Invasão do espaço de acolhimento).	A presença física do agressor no espaço sagrado representa a reiteração do trauma e a tentativa de exercer controle psicológico sobre o núcleo familiar negro, violando o ambiente de repouso subjetivo da protagonista.
Plano 2 Plano Médio focado no núcleo	Sol: "Vai embora, Theo."	Marlene envolve fisicamente a neta Duda em	Sobreposição de vozes sobre o fundo musical de tensão. O	Categoria 1 e 2: Intersecção da	A reação de Marlene explicita o funcionamento do cuidado

familiar feminino (Marlene, Duda e Sol).	Marlene: "Eu sei, eu sei. Fica aqui com a vovó."	um gesto de barreira corporal. Sol assume postura de enfrentamento na retaguarda.	tom sussurrado de Marlene denota a ativação do instinto de proteção.	responsabilidade reprodutiva e do medo estrutural.	geracional tradicional: a proteção imediata dos corpos vulneráveis. O roteiro pontua que o espaço de autocuidado da mulher negra está sob constante vigilância e ameaça.
Plano 3 Plano Médio do Pastor Miguel interpondo-se no conflito.	Pastor Miguel: "A nossa igreja não faz nenhum tipo de distinção [...] O nosso Deus possui um grande poder de redimir tudo e todos..."	Altar da igreja ao fundo. O Pastor adota uma postura de conciliação institucional, amparada por Neide cochichando ao fundo.	Atenuação temporária da música de tensão, substituída pelo silêncio constrangido da comunidade local.	Categoria 1: Indicadores de Cuidado Estético (Higienização institucional do conflito).	O discurso eclesiástico opera uma neutralização política da violência. Ao pregar a redenção universal sem a responsabilização civil do agressor, a narrativa impõe à mulher lesada o ônus do silenciamento em nome da harmonia estética do culto.
Plano 4 Primeiro Plano (Close-up) de Sol em transição para o Altar.	Sol: "Eu vou cantar também." Pastor Miguel: "Claro, Sol. Você e todos aqui são muito bem-vindos. "	Expressão facial de Sol transiciona do medo para a resolução assertiva. Ela caminha em direção ao microfone do coral.	Início dos acordes instrumentais do louvor "Ressuscita-me" , alterando radicalmente a paisagem sonora da cena.	Categoria 2: Indicadores de Cuidado Emocional (Agência, voz e retomada da subjetividade).	A subida ao altar configura um ato de autocuidado político. Sol recusa o papel passivo de vítima ou de servidora silenciosa do lar para reivindicar a palavra pública como instrumento de reconstrução e sobrevivência emocional.
Plano 5 Plano de Conjunto do Coral evoluindo para Close-ups	Sol (cantando): "Transforma minha vida! [...] Estão tentando	Sol canta olhando fixamente para Theo. Theo é captado em	Aumento expressivo do volume do coral e da base instrumental. A performance	Categoria 1 e 2: A espetacularização da cura	Configura-se o ápice do cuidado estético: o sofrimento e o trauma do abuso são convertidos

alternados (Sol e Theo).	sepultar minha alegria! Tentando ver meus sonhos cancelados!"	plano médio, transpirando e afrouxando o colarinho.	vocal ganha contornos de confronto catártico.	através da performance mística.	em espetáculo musical gospel de alta voltagem melodramática, gerando engajamento emocional imediato no telespectador.
Plano 6 Primeiro Plano (Close-up) de Theo sufocado e Clímax do Coral.	Sol e Coral: "Remove a minha pedra! [...] Me chama para fora! Ressuscita-me!" Theo: (sussurro tonto) "Ressuscita-me..."	Rosto de Theo em desestabilização física visível, denotando a perda de controle narrativo sobre o corpo e a mente de Sol.	Encerramento com vigor instrumental máximo (Crescendo), seguido por transição visual rápida (Fade out).	Categoria 2: Indicadores de Cuidado Emocional (Espiritualidade como cura coletiva).	A desestabilização de Theo comprova que a espiritualidade, neste contexto, opera como uma tecnologia de cuidado simbólico e comunitário. O corpo negro retoma sua potência ao compartilhar a dor e transformá-la em força de resistência.

Fonte: Elaborada pela autora (2026).

O exame detalhado dos dados organizados na Tabela 3 desvela como a teledramaturgia de 2023 atualiza as estratégias de representação do cuidado de mulheres negras, confirmando a persistência das fronteiras morais analisadas por Joan Tronto (1993) e as dinâmicas de resistência vocal descritas por bell hooks (1989).

Diferente do cenário de privação material crua observado em Amor de Mãe, Vai na Fé desloca o conflito para a arena do trauma psicológico e da soberania subjetiva. A invasão de Theo ao espaço religioso materializa a violência patriarcal e racista estrutural que persegue a mulher negra mesmo quando esta tenta construir um território de autonomia econômica e afetiva. A análise do comportamento cênico do Pastor Miguel e o murmúrio social de Neide no Plano 3 revelam a primeira camada de falha na responsividade (Care receiving): as instituições comunitárias e sociais frequentemente tendem a higienizar o conflito e a violência de raça e gênero,

apelando para uma "irresponsabilidade benevolente" que cobra da vítima o comedimento e o perdão, preservando a harmonia estética do ambiente social em detrimento da justiça concreta.

A reviravolta da cena, contudo, reside na reconfiguração do ato de cantar como uma prática de autocuidado radical e sobrevivência emocional. Como teoriza bell hooks (1989) em Talking Back (Falando de Volta), a passagem do silêncio para a fala — ou, neste caso específico, para o canto — constitui um gesto político revolucionário para o sujeito colonizado. Nos Planos 4 e 5, ao se apossar do microfone e projetar a letra do louvor diretamente contra o seu abusador, Sol opera uma desestabilização na economia do poder psicológico. A linguagem visual documenta essa inversão de forças de maneira somática: enquanto a voz de Sol e do coral ganha vigor e preenche o espaço acústico, o corpo físico de Theo definha na tela, transpirando e sufocando diante da perda de controle sobre a narrativa daquela mulher. A espiritualidade e o espaço litúrgico funcionam, portanto, como uma rede de cuidado simbólico e coletivo, onde a dor individual da protagonista é acolhida e metabolizada pela comunidade local.

Todavia, a análise crítica do corpus não pode ignorar o limite ideológico imposto pelo formato da televisão comercial hegemônica. O que se observa no Plano 6 é a consolidação do cuidado estético por meio da espetacularização da fé. Ao canalizar a resolução de um trauma estrutural profundo (o abuso e o assédio) exclusivamente através de uma performance gospel catártica, a teledramaturgia opera um apagamento das esferas políticas e jurídicas de reparação. Sugere-se ao espectador que o esgotamento subjetivo e a dor da mulher negra encontram sua resolução plena no plano místico do milagre e da resiliência espiritual. O discurso midiático celebra a capacidade de Sol de "erguer-se para vencer" com o amparo divino, mas deixa em segundo plano a denúncia da fragilidade das redes públicas de proteção e o fato de que, no encerramento da jornada diária, o peso da gestão das marmitas, do trabalho artístico e do amparo doméstico permanece integralmente concentrado em suas mãos, sem que a sociedade ou o Estado assumam a sua parcela de corresponsabilidade pelo seu bem-estar.

4.2.2 CENA 4: A INTERRUPÇÃO LABORAL E A ESTETIZAÇÃO DO BANHO (CAPÍTULO 17)

A segunda cena analisada de Vai na Fé expõe o núcleo duro do trabalho reprodutivo e o tensionamento entre a ascensão profissional da mulher negra e o imperativo doméstico do cuidado familiar. A matriz abaixo detalha a decupagem técnica do momento em que Sol assume o papel de cuidadora principal de sua mãe, Marlene, acometida por crises de artrose e bursite.

FIGURA 4



Reprodução: Globoplay

Tabela 4 – A interrupção laboral e a estetização do banho (Vai na Fé)

Decupagem visual e planos	*Conteúdo verbal transcrito (unidade de registro)*	*Semiótica da imagem e cenografia*	*Paisagem sonora e efeitos*	*Categorização operacional*	*Interface Crítica: Cuidado Estético vs. Emocional*
Plano 1 Plano Médio focado na entrada do banheiro. Marlene sentada na cadeira de rodas, Sol ao seu lado.	Sol: "Poxa, mãe… Deixa eu te ajudar?" Marlene: "Não sou nenhuma estranha, não. [...] Que humilhante. Depois de velha ser tratada	Cenografia doméstica simples. Marlene apresenta postura contraída de dor e desamparo; Sol adota inclinação corporal de	Ausência inicial de trilha sonora, destacando a crueza do diálogo e o tom de frustração na voz de Marlene.	Categoria 2: Indicadores de Cuidado Emocional (O sofrimento psíquico da dependência).	A verbalização de Marlene expõe a dimensão subjetiva do envelhecimento sem assistência. O sentimento de "humilhação" sinaliza o sofrimento decorrente da

	assim..."	oferta de suporte.			perda da autonomia física dentro da estrutura familiar.
Plano 2 Plano Médio com aproximação progressiva (Zoom sutil).	Sol: "Não é nenhum sacrifício. A senhora já cuidou tanto de mim… Fez tanto por mim, faz até hoje."	Expressão facial de Sol emanando afeto e paciência. Intercalação visual com flashbacks rápidos do passado familiar.	Introdução suave de acordes de piano ao fundo, iniciando a condução melancólica da cena para o campo afetivo.	Categoria 1: Indicadores de Cuidado Estético (Romantização do dever filial).	Opera-se a retórica da reciprocidade obrigatória. Sol aciona o argumento do amor filial ("não é nenhum sacrifício") para neutralizar o impacto material da renúncia profissional e da sobrecarga de trabalho que se avizinha.
Plano 3 Plano Conjunto no Banheiro. Sol inicia o procedimento do banho em Marlene.	Marlene e Sol (cantando): "Eu não tenho tanto pra lhe falar… Mas com palavras não sei dizer… Como é grande o meu amor por você?"	Iluminação suave e vaporizada do chuveiro. Os corpos feminino-gera cionais são enquadrados em uma proximidade física estreita e íntima.	Sobreposição das vozes das atrizes cantando a capella a composição "Como é Grande o Meu Amor por Você", com som da água ao fundo.	Categoria 1: Indicadores de Cuidado Estético (Uso da arte para suavizar a precariedade).	Ativação do dispositivo estético-melodra mático. A música de Roberto Carlos funciona como um amortecedor lírico que higieniza a crueza do banho assistido, convertendo a debilitação física e o cansaço em poesia visual.
Plano 4 Corte de Edição para memórias afetivas.	(Inserção de imagens de arquivo da narrativa: Marlene banhando a Sol na infância)	Transição de montagem paralela que conecta o cuidado do passado (maternidade) ao cuidado do presente (filial).	Manutenção da faixa musical cantada em dueto pelas personagens, unificando as temporalidade s pelo afeto.	Categoria 1: Indicadores de Cuidado Estético (Naturalização do ciclo do cuidado feminino).	A montagem paralela reforça a tese essencialista de que o cuidar é um ciclo natural, inevitável e circular na vida das mulheres. O discurso visual aprisiona a trajetória da mulher negra em um eterno retorno às funções reprodutivas.

Plano 5 Primeiro Plano (Close-up) no rosto de Marlene chorando.	Marlene e Sol: "Nunca se esqueça, nem um segundo… Que eu tenho o amor maior do mundo…"	A câmara aproxima-se para captar a lágrima e a quebra emocional de Marlene, que é imediatamente abraçada e confortada por Sol.	A música atinge o clímax interpretativo, com as vozes trêmulas pela emoção real das personagens.	Categoria 2: Indicadores de Cuidado Emocional (O peso da responsabilidade solitária).	O choro de Marlene condensa o sofrimento do corpo doente. Sol assume o papel de esteio psicológico absoluto. O cuidado emocional materializa-se na obrigação de Sol em manter-se firme para não desestabilizar a mãe.
Plano 6 Plano Médio de encerramento. Abraço final e risos.	Sol: "São tantas emoções..." Marlene: (Rindo) "Ai, como eu te amo, minha filha."	As personagens sorriem e desfazem a tensão corporal. A iluminação ganha contornos mais claros e reconfortantes antes do Fade out.	Transição para o silêncio com o término da canção, deixando uma atmosfera de resolução afetiva pacificada.	Categoria 1: Indicadores de Cuidado Estético (Dissolução do conflito político pelo riso).	O fechamento da cena com risos e declarações de amor sela a validação moral da renúncia profissional. A narrativa pacifica o espectador, sugerindo que o afeto familiar compensa integralmente o sacrifício financeiro de Sol.

Fonte: Elaborada pela autora (2026).

A análise aprofundada da Tabela 4 desvela o nó górdio da economia política do cuidado na teledramaturgia brasileira, oferecendo uma comprovação empírica robusta para a Hipótese Central deste estudo. Esta cena não ilustra apenas uma dinâmica doméstica de afeto; ela documenta o mecanismo estrutural pelo qual a carreira profissional de uma mulher negra é abortada para suprir as lacunas históricas do estado de bem-estar social no Brasil.

O pano de fundo da narrativa é de crucial relevância teórica: Sol toma a decisão de interromper sua participação na turnê musical do cantor Lui Lorenzo na Bahia — que representaria sua estabilização financeira e sua projeção artística fora da periferia — para fixar-se no lar como cuidadora de sua mãe doente. Ao analisarmos o Plano 3 e o Plano 4, fica evidente como o aparato comunicacional da

televisão de massa opera para processar essa violência social. A crueza material de dar um banho em um adulto com mobilidade reduzida, tarefa que exige esforço físico, gera desgaste articular e evoca o sofrimento psíquico da perda da intimidade (como verbalizado por Marlene no Plano 1), é submetida a uma operação de higienização estética através da música popular. O canto em dueto da canção "Como é Grande o Meu Amor por Você" instrumentaliza o afeto para transmutar uma sobrecarga laboral e um prejuízo financeiro em um momento de epifania lírica e união familiar.

Esta operação discursiva dialoga diretamente com as críticas de Joan Tronto (1993) acerca da privatização do cuidado. Ao enquadrar a ação como um assunto estritamente feminino, familiar e movido a amor, a teledramaturgia promove o apagamento das dimensões políticas e institucionais da saúde e do envelhecimento. Não se questiona em cena a ausência de um sistema público de assistência domiciliar para idosos com doenças crônicas ou a falta de direitos trabalhistas que permitissem a Sol conciliar o emprego com a assistência parental.

A montagem paralela observada no Plano 4 atua para naturalizar esse aprisionamento doméstico: ao associar de forma circular o cuidado que Sol prestou à filha pequena no passado com o cuidado que agora presta à mãe idosa, a imagem ratifica o pressuposto colonial e patriarcal de que o corpo da mulher negra é um recurso natural destinado ao bem-estar alheio. O riso e o abraço final no Plano 6 operam o encerramento do conflito político pelo amortecedor do melodrama: o espectador é confortado com a mensagem moral de que o amor materno-filial compensa qualquer perda material, justificando e legitimando a permanência de Sol na base do mercado informal e na solidão do trabalho invisível do cuidado.

4.3 DIÁLOGOS INTERSECCIONAIS: A PERMANÊNCIA DO ARQUÉTIPO DA "MÃE PRETA" DA MODERNIDADE À PÓS-MODERNIDADE

Após a decupagem minuciosa das trajetórias de Lurdes e Sol através das matrizes fílmicas e de conteúdo, torna-se imperativo estabelecer um cruzamento teórico consolidado que responda diretamente ao problema de pesquisa e valide a hipótese central deste estudo. O confronto analítico entre as obras Amor de Mãe e

Vai na Fé revela que, apesar das distâncias temporais e das escolhas estéticas distintas de cada produção, a teledramaturgia brasileira do horário nobre opera sob uma linha de continuidade estrutural no que tange à representação da mulher negra cuidadora.

Ao cruzarmos o "discurso de formatura" (Tabela 1) com o "culto de enfrentamento" (Tabela 3), evidencia-se a mecânica de atualização do mito da "mãe preta", conceito pilar da sociologia decolonial de Lélia Gonzalez (1984). Em Amor de Mãe, o arquétipo manifesta-se em sua vertente clássica: a trabalhadora doméstica abnegada, cuja existência é totalmente instrumentalizada em benefício da reprodução da vida e do sucesso de terceiros. Na cena analisada, o sacrifício material de Lurdes é higienizado pelo afeto familiar e chancelado pela aclamação pública de "guerreira". Já em Vai na Fé, a personagem Sol encarna a versão pós-moderna desse mesmo mito. Sol é uma mulher que circula pelo espaço urbano, possui desejos estéticos, trabalha no mercado informal e atua como artista; contudo, quando confrontada com o trauma e com a sobrecarga da tripla jornada, a narrativa recorre novamente ao mesmo dispositivo discursivo: a celebração de uma resiliência inata, agora revestida pelo manto da fé religiosa e do bom humor.

O paralelismo estrutural entre as obras atinge seu ápice na análise da interrupção laboral feminina documentada na Tabela 4. Assim como Lurdes, no início de sua trajetória em Amor de Mãe, foi compelida a submeter seu corpo a múltiplos empregos precarizados de cuidadora e babá para viabilizar a subsistência do núcleo familiar, Sol, na contemporaneidade de Vai na Fé, é forçada a abdicar de sua emancipação artística e financeira (a turnê musical) para assumir a gestão física da doença de sua mãe. Ambas as narrativas expõem o que a economia feminista categoriza como a insolvência do trabalho reprodutivo privado: na ausência de redes públicas universais de amparo à saúde e à velhice nas periferias, o sistema socioeconômico transfere o ônus fiscal e biológico integralmente para as costas da mulher negra. O "cuidado estético" atua, nesse cenário, como uma estratégia de contenção da revolta social: ao embalar o banho assistido e a privação do sono em trilhas sonoras consagradas ou louvores eclesiásticos, a comunicação de massa despolitiza a exploração e vende a sobrecarga sob a chancela da virtude inabalável.

Essa fixação identitária analisa-se com precisão à luz das teorias de representação de Stuart Hall (2016). A mídia de massa produz sentidos que visam naturalizar as posições de poder estabelecidas. Ao priorizar o cuidado estético, seja através das lágrimas triunfantes de Lurdes na plateia ou da performance musical catártica de Sol no altar, o discurso televisivo constrói um imaginário social onde a exaustão da mulher negra é sempre bela, compensatória e moralmente superior. O apagamento sistemático do cuidado emocional funciona como uma estratégia de manutenção desse pacto. Se a televisão exibisse de forma crua o adoecimento psíquico crônico, a solidão estrutural e a falta de reciprocidade afetiva que assolam essas personagens no cotidiano familiar, o contrato melodramático do "final feliz" seria quebrado, forçando a sociedade a encarar a divisão do trabalho de cuidado não como uma vocação amorosa, mas como uma engrenagem de opressão socioeconômica.

Por fim, o paralelo estabelecido responde ao questionamento que dá título a este trabalho: Quem cuida de quem cuida? O desabafo de Camila no hospital (Tabela 2), ao clamar pelo direito de ser fraca, expõe a falência de um sistema que consome a saúde das mulheres negras sem oferecer-lhes canais formais de acolhimento. Lurdes assiste ao colapso da filha em silêncio porque compreende que a única herança que possui para transmitir é a sua própria tecnologia de suportar a dor. Da mesma forma, Sol encontra na igreja um alívio simbólico temporário, mas retorna para o lar carregando a responsabilidade de prover o sustento de três gerações. Conclui-se que o cuidado estético operado pela comunicação audiovisual atua como um anestésico social. Ao transformar a sobrecarga em virtude e o sofrimento em espetáculo, a mídia de massa brasileira legitima a manutenção dessas mulheres na base da pirâmide do trabalho, reiterando as fronteiras morais que excluem o trabalho reprodutivo do campo da justiça e dos direitos humanos fundamentais.

5. CONCLUSÃO

A presente investigação propôs-se a analisar as representações do trabalho de cuidado na teledramaturgia brasileira sob a perspectiva analítica da

interseccionalidade e da Ética do Cuidado. A partir do exame do corpus, constituído por segmentos das telenovelas Amor de Mãe (2019) e Vai na Fé (2023), foi possível observar as estratégias narrativas e estéticas empregadas pela comunicação de massa na manutenção e no sutil tensionamento de papéis sociais historicamente atribuídos às mulheres negras no cenário nacional.

Os resultados obtidos por meio da aplicação da Análise de Conteúdo de Laurence Bardin sugerem uma prevalência empírica da categoria denominada "cuidado estético" em detrimento do "cuidado emocional". Verificou-se que os recursos audiovisuais — tais como a decupagem de planos, a inserção de trilhas sonoras líricas e a estruturação de arcos dramáticos pautados na superação individual — operam de modo a conferir uma validação moral e uma perspectiva de virtude ao autossacrifício doméstico. Esse processo de estetização, conforme discutido, indica uma tendência à romantização de duplas ou triplas jornadas laborais, funcionando como um atenuante simbólico para a escassez de redes de apoio estruturais e para a subsequente desresponsabilização de instâncias estatais e institucionais no suporte às famílias representadas.

Sob a ótica teórica de Joan Tronto e Stuart Hall, infere-se que o regime de representação analisado tende a hipervisibilizar a execução prática do cuidar (care-giving), enquanto despolitiza a necessidade estrutural de recebimento de suporte (care-receiving). O sofrimento psíquico e a exaustão física decorrentes desse papel social aparecem secundarizados nas tramas, sendo frequentemente ressignificados como traços essencialistas da identidade da "mulher negra forte". Tal configuração discursiva atua no esvaziamento do caráter político da divisão sexual e racial do trabalho, reinserindo a sobrecarga na esfera do afeto privado e da inevitabilidade biológica ou cultural.

Em contrapartida, os dados também indicam a presença de fissuras e contradições nas produções contemporâneas. Se, por um lado, observam-se estruturas narrativas que confinam as personagens à esfera da renúncia pessoal, por outro, produções mais recentes sinalizam a emergência de espaços de agência. A manifestação de desejos de emancipação econômica, o direito à subjetividade e a busca por projetos individuais que extrapolam o núcleo familiar assistido denotam

que o campo da teledramaturgia não se apresenta de forma monolítica. Ao contrário, configura-se como um espaço de disputa de sentidos, onde novos contornos identitários ensaiam tensionar as representações hegemônicas.

Diante do exposto, conclui-se que este estudo cumpre o objetivo de mapear e problematizar as dinâmicas de visibilidade e invisibilidade que cercam a crise do cuidado na mídia. Longe de esgotar o fenômeno, a pesquisa evidencia a relevância de se investigar a responsabilidade ética dos produtos comunicacionais na formulação de imaginários sociais. Recomenda-se, para investigações futuras, a ampliação do escopo empírico para outras narrativas midiáticas, a fim de contribuir continuamente para a desconstrução de estereótipos e para o fomento de discussões que pautem a democratização do direito ao cuidado e ao descanso.

REFERÊNCIAS

AGUAYO, Cecília; RAMÍREZ, Lorena. La Economía Solidaria en la politización del trabajo escondido de las mujeres. Revista de Trabajo Social, Santiago, n. 91, p. 45-58, 2019.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.

CRENSHAW, Kimberlé. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color. Stanford Law Review, v. 43, n. 6, p. 1241-1299, jul. 1991.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: SILVA, J. (org.). Lula, o PT e a questão racial. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1984. p. 223-244.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. Cultura e representação. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HOOKS, Bell. Ain't I a Woman: Black women and feminism. Boston: South End Press, 1981.

HOOKS, Bell. Talking Back: thinking feminist, thinking black. Boston: South End Press, 1989.

HOOKS, Bell. Feminist Theory: from margin to center. 2. ed. London: Pluto Press, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua): Outras formas de trabalho 2022. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça. Brasília: Ipea, 2020.

JULLIER, Laurent. L'analyse de film. Paris: Nathan, 2007.

MARTIN, Marcel. A linguagem cinematográfica. Lisboa: Dinalivro, 2003.

TRONTO, Joan. Moral Boundaries: A Political Argument for an Ethic of Care. New York: Routledge, 1993.